
WHAT WE
LEAVE
UNSEEN

PARTE II

LIMIAR 8

O Que Deixamos Invisível

Existe uma pergunta que chega tarde.

Muito mais tarde do que imaginamos.

Quando jovens perguntamos à vida o que conseguiremos obter.

Quando adultos perguntamos o que conseguiremos conservar.

Só depois de muitos anos começamos a nos perguntar algo diferente.

O que restará quando não estivermos mais aqui?

É uma pergunta que raramente é pronunciada em voz alta.

Talvez porque nos deixa desconfortáveis.

Talvez porque nos obriga a olhar além do presente.

Talvez porque ninguém gosta de se confrontar com a própria ausência.

E no entanto chega.

Sempre.

Cedo ou tarde chega.

Por muito tempo pensei que a herança fosse algo visível.

Uma obra.

Uma empresa.

Uma casa.

Um livro.

Um resultado.

Algo que pudesse ser apontado e reconhecido.

Depois o tempo me mostrou uma verdade mais profunda.

As coisas mais importantes que deixamos não se veem.

Não aparecem nos inventários.

Não entram nos balanços.

Não acabam nas estatísticas.

E no entanto continuam a viver.

Encontrei pessoas que nunca escreveram um livro e que mudaram a vida de dezenas de indivíduos.

Pessoas que nunca dirigiram grandes organizações e que deixaram uma marca indelével sobre famílias inteiras.

Pessoas que não aparecerão em nenhuma enciclopédia e que, todavia, continuam a existir através das consequências de suas ações.

Essa descoberta modificou o meu modo de observar o sucesso.

Porque o sucesso ama ser visto.

A herança autêntica, ao contrário, trabalha muitas vezes na sombra.

Pensemos nos nossos pais.

Nos nossos professores.

Em certas pessoas encontradas por poucos meses e capazes de nos influenciar por décadas.

Muitas delas ignoram completamente o efeito que tiveram sobre nós.

Falaram.

Agiram.

Viveram.

E algo permaneceu.

Algo que continua ainda hoje.

É esta a parte invisível da história humana.

A maior.

A menos contada.

A mais poderosa.

Com o passar dos anos comecei a olhar as minhas próprias escolhas de modo diferente.

Não me perguntava mais apenas:

“O que estou construindo?”

Perguntava-me:

“O que estou transmitindo?”

A diferença é sutil.

Mas muda tudo.

Construir diz respeito ao presente.

Transmitir diz respeito ao futuro.

E o futuro é sempre habitado por pessoas que não podemos conhecer.

Filhos.

Netos.

Leitores.

Amigos.

Desconhecidos.

Pessoas que um dia entrarão em contato com algo que deixamos atrás de nós.

Não saberão quem éramos.

Não conhecerão todos os detalhes.

Mas receberão uma consequência.

E aquela consequência falará em nosso lugar.

Durante a minha vida profissional vi projetos nascerem e desaparecerem.

Empresas crescerem e mudarem.

Mercados se transformarem.

Tecnologias tornarem-se obsoletas.

Tudo o que parecia permanente se revelava provisório.

No início essa realidade me inquietava.

Depois comecei a achá-la libertadora.

Porque me obrigava a procurar em outro lugar o que de fato dura.

E o que dura quase nunca coincide com o que possuímos.

Coincide com o que transferimos.

Uma frase.

Um princípio.

Um exemplo.

Um gesto.

Uma forma de presença.

O que transmitimos continua a viajar mesmo quando não estamos mais presentes para acompanhá-lo.

Muitas vezes me aconteceu de reencontrar, nas palavras ou nos comportamentos dos outros, fragmentos de pessoas que não existiam mais.

Um modo de raciocinar.

Uma sensibilidade.

Uma forma de ironia.

Uma lição.

Naqueles momentos compreendia uma coisa.

As pessoas não desaparecem completamente.

Uma parte delas continua a se mover no mundo.

Não como lembrança.

Como influência.

E talvez seja esta a forma mais autêntica de permanência.

Com a idade deixamos gradualmente de nos interessar pela aparência da nossa herança.

Tornamo-nos mais atentos à sua qualidade.

Não importa quão grande seja.

Importa quão verdadeira seja.

Uma pequena verdade transmitida com sinceridade pode sobreviver por mais tempo do que uma grande construção realizada por vaidade.

A história está cheia disso.

As obras monumentais se desfazem.

Os princípios continuam a viajar.

As estruturas mudam.

Os valores sobrevivem.

Por isso hoje considero cada relação como uma forma de semeadura.

Nunca sabemos o que crescerá de verdade.

Nunca sabemos qual palavra restará.

Qual gesto será lembrado.

Qual exemplo será imitado.

Podemos apenas agir com autenticidade.

E deixar que o tempo faça o resto.

No fim da vida, creio que poucos lembram o número exato das vitórias.

Poucos lembram os resultados detalhados.

Poucos lembram os títulos.

Muitos, ao contrário, lembram como foram tratados.

Como foram acolhidos.

Como foram respeitados.

Como foram amados.

Esta é a herança invisível.

Aquela que não aparece nas fotografias.

Aquela que não gera aplausos.

Aquela que não busca atenção.

E no entanto é a parte que resiste por mais tempo.

Olhando para trás hoje, compreendo que uma vida não se mede apenas pelo que realiza.

Mede-se também pelo que continua a viver nos outros.

Nas ideias que transmitimos.

Nas pessoas que ajudamos.

Na dignidade que defendemos.

Na confiança que geramos.

Na coragem que despertamos.

Todas elas, coisas invisíveis.

Todas elas, coisas reais.

Talvez as mais reais de todas.

Porque quando o tempo tiver levado quase tudo, restará o que não se vê.

O que deixamos invisível.